

cacetta está ocupada
cabelos de tutti-frutti,
tornozelos de mocotó
uacidentenabeiramá
confissões de um
cabo diálogos infelizes

e outros contos nonsense

missa especial a saga

LUIZ FERNANDO MENEZES

sexual de bruninho a

eterna vice-colocada

quem está aqui? noites

como outras quaisquer

Luiz Fernando Menezes

Diálogos infelizes
E outros contos nonsense

Edição Única
Florianópolis — 2015

Copyright 2015 by Luiz Fernando Menezes

Título original
Diálogos infelizes

Capa
Luiz Fernando Menezes

Editoração
Luiz Fernando Menezes

Revisão
Luiz Fernando Menezes

Preparação
Já deu pra perceber quem foi

Os personagens e as situações dessa obra, por incrível que pareça, são reais apenas no universo da ficção e não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião. Vá achar problema em outros textos, amigo, sério.

Apresentação

Existe um mantra no jornalismo de que o “jornalista deve se ater a verdade”. No século XIX, grandes escritores como Truman Capote, Tom Wolfe e Gay Talese influenciaram a literatura com o seu realismo cru, seus efeitos de real e seu estilo sóbrio de escrita.

Pois é, já que no jornalismo eu não posso fazer isso, mandei eles se foderem nesses contos.

Já existem milhares e milhares de livros por aí que tentam ao máximo parecer histórias reais, que tentam romantizar a realidade. A vida já é real demais! Cadê o espaço para a criatividade, para a fantasia, para a viagem?

Cadê o espaço para o humor?

Essa última pergunta só fica mais difícil de responder. Em um mundo cada vez mais politicamente correto, onde criticar muitas vezes virou ofender, fica complicado fazer esse tipo de literatura.

Pois é, já que a aula era de Escrita Criativa e eu ainda acredito que o humor é uma arma política, mandei eles se foderem também.

Sumário

Noites como outras quaisquer	9
Uacidentenabeiramá	15
Cacetta está ocupada	21
Confissões de um cabo	27
A eterna vice-colocada	35
Missa especial	41
Cabelos de tutti-frutti, tornozelos de mocotó	47
Diálogos infelizes	53
A saga sexual de bruninho	61
Quem está aqui?	65

cacetta está ocupada
cabelos de tutti-frutti,
tornozelos de mocotó
uacidentenabeiramá
confissões de um
cabo diálogos infelizes
missa especial a saga
sexual de bruninho a
eterna vice-colocada
quem está aqui? noites
como outras quaisquer

A cidade está deserta. A escuridão só não domina o pequeno café de grandes janelas de vidro na esquina da Seventh Avenue South com a Greenwich Avenue em Porto Rico. Lá dentro, um homem solitário de meia idade toma café preto, uma ruiva de vestido vermelho e longo sensualiza ao lado de um elegante fumante e o atendente uniformizado de branco lava as xícaras de porcelana usadas há poucos minutos.

A cena eu deixo para você, leitor, escolher:

CENA 1:

A moça, que na verdade era dona do estabelecimento, contorna, sem pressa, o dedo indicador pelas bordas de sua caneca e sussurra sem olhar para os dois homens de paletó:

— O coador que fez o café de vocês era minha calcinha. Quem terminar primeiro me come.

CENA 2:

O atendente, chamado Sílvio e apelidado de Silvião, quase não consegue esconder o riso enquanto esfrega com força o interior da xícara:

— O coador que fez o café de vocês era minha calcinha. Quem terminar por último me come.

CENA 3:

A moça e o fumante são, na verdade, um casal procurando um parceiro para fazer um ménage. A ruiva quer o homem solitário. O rapaz quer o Silvião. Como nenhum dá o braço a torcer, brigam e acabam transando com o pretendente respectivo. Depois do sexo, a moça se arrepende e volta para a casa. O problema é que depois do sexo, o homem se apaixona e fica com Sílvio. A mulher vira freira por causa do desgosto. E os dois homens acabam se casando e tendo três filhos. Dois de parto normal.

CENA 4:

A identidade real da moça é Jussara Consuelo, chefe da famiglia italiana que comanda o subúrbio da cidade. O homem elegante se chama Márcio, seu escravo sexual há anos e que não aguenta mais essa vida de três transas por dia com uma mulher sensual. O homem solitário é o policial que recebeu a carta em que Márcio pede socorro. O atendente continua sendo apenas o Silvião. Todos estão com uma arma escondida (inclusive Sílvio).

Jussara Consuelo, que já estava preparada para a situação, resolve quebrar o silêncio:

— É o seguinte, senhor policial. Você só precisa pensar em me dar um tiro para meus meninos ali de fora te transformarem em uma peneira.

O policial, encurralado, engole um seco e olha para o fundo dos olhos de Márcio, como se pedisse desculpas por não salvá-lo. Toma um gole do café, deixa uma nota de um dólar estendida no balcão e sai com o chapéu baixo. O silêncio volta a tomar conta do estabelecimento.

Silvião acha melhor não contar a verdade sobre o coador dessa vez.

CENA 5:

O homem solitário na verdade é um alien disfarçado que está coletando informações para que a invasão ocorra sem maiores problemas: extinção total da raça humana, destruição de tudo aquilo que ameace a natureza e aniquilação de todos os discos de sertanejo universitário. O moço elegante na verdade é um cantor de sertanejo universitário que desiludiu com a música e espera encontrar, junto de seu novo amor, inspiração para começar seu romance de época. A ruiva sensual na verdade é Silvião, que fez cirurgia de troca de sexo há uma semana e que vem tendo sonhos sensuais com alienígenas diariamente. E, por fim, o atendente na verdade é o único homem na Terra capaz de ler mentes e tem uma predisposição para a o voyeurismo.

O atendente levanta as mãos para o alto, chamando a atenção dos três clientes:

— Olha, se organizar direitinho, todo mundo transa.

CENA 6

Todo o ambiente — o café, o casal com a ruiva gostosa, o homem solitário — não passa de uma alucinação de Sílvio Moretz, apelidado de Silvinho Pernas de Moça, que estava em coma após um erro médico que aconteceu durante a

sua cirurgia de troca de sexo. Deitado e estático numa maca hospitalar esperando que o velho Dr. Geraldo e sua enfermeira ninfomaniaca (e que morre de tesão pelo médico) salve sua vida. Poucos minutos se passam e o eletrocardiograma canta em unísono.

Dr. Geraldo senta no chão, culpado, e começa a duvidar de sua capacidade profissional. Por pouco ele não desata a chorar. A enfermeira lhe traz uma xícara de café, da qual ele beberica.

— Esse café não tá com um gosto estranho não? — reclama ele.

A enfermeira pensa se é um momento bom para contar a verdade sobre o coador.

cacetta está ocupada
cabelos de tutti-frutti,
tornozelos de mocotó
uacidentenabeiramá
confissões de um
cabo diálogos infelizes
missa especial a saga
sexual de bruninho a
eterna vice-colocada
quem está aqui? noites
como outras quaisquer

— Senhor?! Senhor?!

— Grassadeuxnossinhora. Mitiradaqui, môquirido. Pelamordideux.

— Calma, calma. Meus colegas já estão providenciando isso.

— Óióiómitiradaqui, môquirido. Rápidim.

— Eu já disse. Estamos providenciando. Agora tente ficar acordado.

— Tuvissecuméquiotaquíxtá, ôbocamole? Dicabessprabaxo. Icuméqui-tuquéqueeudurmassim? Taixéloco? Mitiradaqui, caraio.

— Calma, senhor. Não tem vazamento, não tem fogo... sem pressa que logo logo tiramos o senhor daí.

— Maixôtenhupressanego.

— O senhor pode estar com alguma fratura séria. Não posso te tirar assim, do nada.

— Quinhentoxpila.

— ?

— Quinhentoxpila. Tumetiraxdaquiieutientregoqueinhentoxpila.

— Senhor, não estou entendendo...

— Ô, maixtumofaxcoapombanabalaia. Eupum! Saiodaqui. Etubam!

Ganhaxquinhentoxpila.

— Mas, senhor! Você pode ficar paraplégico!

— Maixmelhorquisêixtupradoportreixnegãonacadeia, ôbocaberta! Tu-jávissi? Tujávissicomoqitáaxviolêncianaxprisãojimdia?

— Tá. Pera. Essa eu não entendi.

— Tu! Tumemo! Jávissicomoqitáaxviolêncianaxprisãojimdia?

— Prisão? Mas por que que o senhor seria preso por um acidente?

— Acidente, môquirido? — ri estridente — eumateicincopessoasónes-sacorrida, môquirido! Quandoapulíciachegaraqueieuquerotáelongi!

— Como assim o senhor matou cinco pessoas?

— Foiaxviolência. — começou a chorar — Eunumquiria. Muitaviolên-cianaxtevênaxinternetnaxruax.

— Calma. Explica isso direito.

— Eutavaláimcasaicumeceiaveraqueleprogramalá... Balançogeral! Balançogeral! Iaquilofoidandounxtroçoruimnopeitoeramuitaviolência. Muitaviolência. Aímeufilhotrupeçonuxmeupé. Bemnaunhancravadaindaporcimapratuvê. Aíeunétavaixtressadoedeiumbelodumtapaçonanucadaquelecaralhím. Erasópraeaprendê. Tijuro, môquirido.

— Ok....

— Itunumacreditaquieumateiumuleque?

— ?

— Mateiuminino. Ocorpodeletáliatraxnuportamala — parou de choramingar — Quinhentoxpila!

— Espera aí! O corpo do seu filho morto tá no porta-malas?

— Ioxdaimpregadaiodavizinha.

— Calma. Essa também eu não peguei.

— Ioxdaimpregadaiodavizinha, caraio.

— O senhor matou a empregada e a vizinha?

— Aimpregadaviumininomorto! Uquequieuiafazêmidix?! Axviolênciafalômaixaltoimetiumaxpauladanaxcabeçadela.

— Tá. Mas e a vizinha? O que que ela tem a ver com isso?

— Eraminhamanti. Fui pidisocorropradixgraçadaielatavamitraindocu-
motro. Mateidiraivasó.

— Meu Deus!

— Meudeuxmêmo! Purissoquieutôpidindopatumitirádaqui. Seixcentox!
Seixcentoxpila!

— Tá, mas e os outros dois?

— Éverdade! Umeutavacorrendocutáquixeatropelei. Erajovemzimmu-
leque. Pisônafaixanahorrada.

— Que absurdo...

— Concordocuntigo, môquirido. Atravessarnafaixa? Ondjáseviu?!

— Não, não foi...

— Iuoutro!

Sim, sim. O quinto.

— Aquinta, môquirido. Fuiuserviçodaminhamulherimateiavéia.

— Por que?!

— Sieladixcubrissequieutinhamatadonossominino, tadinha... capaixdi-
simatar didixgoxto.

— Você é louco! Eu vou te deixar aqui até a polícia chegar!

— Setecentoxpila! Oitocentox!

— Cara. Depois que tudo que você me contou, você acha que eu vou deixar você sair daqui?

— Milpila, môquirido!

— Não! Você vai pra cadeia! Você... você é um cara que merece os três negão!

— Umingressoprapêdôze!

—

— Tipagoumapartamentonabeiramá!

— ...

— Dividuumnegãocuntigo! Vaique, né?

— ...

— ...

— Pera. Tu ouviu isso?

Ouviuquê?

— Isso. Pera lá. Tem alguém no porta-malas! — começa a gritar —

Tem alguém no porta-malas!

— Maseudissepratuô, bocamole! Temtrêixaliatrás!

— Não! Tem alguém vivo no porta-malas!

— Óióióinumpodissênão!

— Ué. Você não tinha matado seu filho?

— Tinhasim, môquirido. Comumtapaçõenomeidanucadumuleque.

— Mas ele acabou de sair do porta-malas.

— Ihrapaiz... éumpiquinimdecabelimencaracoladoé?

— Isso mesmo.

— ...

— ...

— Intãoeumateisóquatro?

— Isso. Não. “Só” não. Você matou quatro.

— Intãoeoitocentoxpilaenãosefalamaixnisso.

cacetta está ocupada
cabelos de tutti-frutti,
tornozelos de mocotó
uacidentenabeiramá
confissões de um
cabo diálogos infelizes
missa especial a saga
sexual de bruninho a
eterna vice-colocada
quem está aqui? noites
como outras quaisquer

J éssica Cacetta acorda às sete de segunda a sábado, toma seu café reforçado e vai chupar pênis até às seis da tarde. Num dia bom, ela chega a saborear duas dezenas de pirocas. Num dia ruim, dezenove. Depois das seis, ainda passa na academia, onde faz uma hora de esteira, e na padaria, onde sempre compra pão chapisco, o favorito do seu namorado. Chegando em casa — uma cobertura na Avenida Paulista —, assiste tevê, dá uma olhada no Facebook e verifica se a sua secretária não marcou na agenda um cara repetido. “Tem gente que não entende que, uma vez que eu chupo, não tem como voltar atrás. [Acham] que meu trabalho é prostituição, mas é seríssimo”.

Mas qual, afinal, é o trabalho de Jéssica?

É só pegar o sobrenome e adicionar um apóstrofe: Cacetta’s, que é a maior rede social de penis reviewers do mundo. Jéssica, além de CEO, é a mais procurada analista fállica da empresa: homens que recebem A+, A ou até um A- em sua review aumentam sua chance de entrar em um relacionamento em até 350%, de acordo com o IBGE. Ela conta que um presidente* chegou a pagar dois milhões de dólares desviados da educação para que ela refizesse a análise, porque, depois que recebeu um C-, sua mulher o deixou, sua amante o traiu e ele perdeu 35% dos aliados políticos. “A nota é definitiva. Eu tenho ética. Imagina: pagou passou! Isso aqui não é vestibular da ACAFE”, protestou.

Jéssica explicou detalhadamente os quesitos avaliados durante a review. Gosto, cheiro, estética, dureza e tamanho são os cinco principais pontos, enquanto cor do esperma e ângulo lunar interferem menos na nota final. Na parte do gosto e do cheiro, vale muito a higiene do homem: qual sabonete ele usa para se limpar e se usa cêra ou outro produto para melhorar o sabor ou a fragrância. Já no tamanho e dureza, um pênis 18+ que aguenta 45 minutos duro que nem uma pedra são necessários para uma boa nota. Os critérios complicam quando entra na estética fállica: redondez da glândula, disposição das veias, paleta de cores, simetria do frênulo... a lista é enorme. Para a compreensão ficar mais fácil, confira três exemplos de reviews feitos por Jéssica:

*Gabriel D***. é o que chamamos de Homem Bukowsky: não tem nada demais e, visto de perto, beira o mau gosto; mas, depois de um tempo, tem lá seus pontos positivos. O tamanho não é lá essas coisas, é torto para a direita e os pêlos não possuem todos a mesma cor, dando um ar de vira-lata. A paleta não pega tons opostos do círculo cromático e a disposição das veias é muito concentrada na base, deixando pouco para o resto. A glândula tem um lado maior que o outro e o gosto não agrada. Mas, quando ereto, aponta para a lua. C+.

*Sérgio G.*** não dá para engolir — nem literalmente e nem figurativamente. O gosto é horrível, o esperma é rançoso e adstringente e o cheiro lembra um leitão recém nascido (e que acabou de cair dentro de uma poça de vômito irlandês). Seu sobrenome deveria ser *Virgem*, que é o que ele merece ser com esse pênis. F.

*Armando Y*** realmente leva o seu nome a sério: ficou três horas ereto sem pestanejar. O gosto é levemente adocicado, com textura de creme brûlée e consistência de macarón. Sobre o tamanho, não tenho grandes considerações a fazer — até porque de grande... Uma serpente marinha da Fossa das Marianas não teria um comprimento tão exuberante ou uma textura tão lustrosa. Não é simétrico, mas consegue ser perfeitamente assimétrico. Para não dizer que é perfeito, quando ereto, ele aponta para *Vênus*. E, vale dizer, quase alcança. A.

Com seis bilhões de usuários, o Cacetta's é um grande formador de opinião — muitas mulheres, por exemplo, não aceitam quem recebe menos que B — fazendo com que a decisão de Jéssica seja importantíssima para todo homem maior de 18 anos. É comum jovens ligarem, no momento em que atingem a maioridade, para marcar uma review. A procura é tão grande que, se alguém marcar hoje, será atendido só daqui 36 meses. O preço da análise fállica é de \$200,00, ou \$250 com anal.

Se Jéssica gosta da profissão? Adora. “Se tem uma coisa de que brasileiro gosta é de trepar e de dar sua opinião sobre tudo. Eu juntei as duas coisas”. Mesmo milionária, pretende continuar pegando no batente (sem eufemismos!) até cair de quatro (eu disse: sem eufemismos!). Quando perguntada se ela acredita que o Cacetta's presta um serviço a sociedade, ela umidificou os lábios com a língua e piscou: “depois [do Cacetta's], as mulheres se empoderaram, passaram a mandar na situação. Acabou-se o machismo, a sociedade patriarcal e os sacos peludos. Homem, seja ele hétero, homo, bi ou sei lá o que mais, toma banho três

vezes por dia e cuida da pele. Eu mudei a forma com que as pessoas veem o mundo”.

Jéssica se levantou, ajeitou a saia curta e abriu a porta para me convidar a sair: “agora, se me dá licença, tenho mais dezesseis para chupar”.

* O nome do presidente foi omitido para preservar a sua identidade.

** Preservamos também o nome dos analisados.

cacetta está ocupada
cabelos de tutti-frutti,
tornozelos de mocotó
uacidentenabeiramá
confissões de um
cabo diálogos infelizes
missa especial a saga
sexual de bruninho a
eterna vice-colocada
quem está aqui? noites
como outras quaisquer

E estamos de volta em cinco... quatro... três... dois... — o “um” foi apenas representado pela mão do diretor.

— Estamos de volta com Frente à Frente com Catiússa — a apresentadora, Catiússa obviamente (Ússa, para os íntimos), joga a cabeça para o lado, olhando para a câmara dois — E agora. Eu chamo ele. Ele, que muita gente chegou a ouvir falar, mas ninguém se lembra. Ele, que vive se escondendo com medo de encontrar a fonte de seus pesadelos. Ele, que antes era alegre, trabalhador, calmo e agora é uma figura perturbada, tímida e silenciosa... Mas isso também é passado! Agora o silêncio acabou! — olha para a câmara um novamente — Porque ele vem se abrir para a gente! Venha cá, De Vassoura!

Ússa se levantou para receber o convidado e começa a bater palmas fracas. A plateia aplaude furiosamente. Uma moça de cabelo longo e alisado, de vestido curto e decotado vai se equilibrando nos saltos finos enquanto empurra uma cadeira giratória com rodinhas. Um cabo de madeira, firme e esguio, estava colocado em cima do assento. O cabo vestia uma gravatinha borboleta. Depois que a cadeira ficou posicionada de maneira que o enquadramento da câmara conseguisse capturar a imagem tanto da apresentadora quanto do entrevistado, a moça vai embora.

Quando o barulho das mãos se batendo começou a cessar, Ússa se sentou e cruzou as pernas.

— Muito bem vindo, Cabo. É um prazer tê-lo aqui conosco.

— O que é isso, Catiússa, o prazer é todo meu. Muito obrigado por me receber — sua voz era firme, grossa. Lembrava aquelas vozes de locutores de rádio dos anos sessenta.

— Imagina... — ela dá uma olhada na ficha de plástico com a logomarca do programa impressa nas costas e se volta para a câmara dois — Para quem não reconhece o Cabo, a história dele é bem triste: ele foi humilhado, vítima de abuso policial há mais ou menos oito anos. Ele ainda era novo, estava no começo da carreira, quando foi agredido. Perdeu o emprego, se afastou dos amigos...

— balança a cabeça de um lado para o outro lentamente — Mas eu acho que ninguém melhor que ele, Cabo De Vassoura, para contar isso. Conte pra plateia e pros telespectadores a sua história.

— Então — pigarreia — tudo começou quando eu estava no trabalho. Naquela época, eu trabalhava no morro mesmo, na favela. Você não escolhe onde quer trabalhar. Nossa vida de cabo é bem difícil. A gente tem que fazer o serviço que o patrão quer que a gente faça. E o patrão colocou os olhos em mim e já disse: “pega esse mesmo”. É como meu pai, que Deus o tenha, sempre disse, “quem nasce pra vassoura nunca vai ser rodo”... Enfim. Estava eu lá, descansando, porque são poucos os que são de ferro, apreciando a paisagem. Já estava quase indo embora quando apareceram três ou quatro policiais, não me lembro, vestidos de preto, com quepes estampados de caveira.

Alguém da plateia tosse. Cabo continua:

— Eles estavam puxando um jovem, um adolescente. Colocaram ele no chão, bem na minha frente e começaram a dar tapas na cara dele.

— Que absurdo... — Catiússa comenta — e nessas horas a gente congela, né?

— Exatamente! Eu olhei aquilo e fiquei com vontade de ajudar o pobre menino. Mas eram quatro homens armados até os dentes contra um pivete sem camisa e um mero cabo de vassoura. Eu só consegui ficar parado. Parado, ouvindo os tapas estalarem na carne do garoto enquanto eles perguntavam alguma coisa sobre um tal de Baiano. Acho que queriam saber onde esse Baiano morava, sei lá. Mas o menino não sabia. Gritava “eu não sei! Eu não sei, não senhor”! Era horrível. Simplesmente horrível.

Algumas pessoas das plateia cochicham. Uma velhinha, no canto direito, coloca a mão direita em cima da boca. “Que absurdo”. “Que absurdo”.

— E foi pior ainda quando um deles, devia ser o comandante, falou pra pegar O Saco. Eu não conseguia acreditar naquilo. O Saco estava trabalhando para eles! O Saco! A gente se conheceu na época de Fábrica, sabe? Tá certo que eu era da Madeireira e ele era da Plástica, mas éramos amigos! Fazia tempo que eu não ouvia falar dele. E quando eu menos espero, ele tá lá, trabalhando para a polícia, sufocando pessoas.

— O que o dinheiro não faz... — sussurra Catiússa.

— Nem quis olhar. Era demais pra mim. Desviei o olhar e fiquei rezando para aquilo terminar logo.

Silêncio. Cabo pigarreia mais uma vez, mas continua decidido:

— Foi quando aconteceu. Tudo que estou falando é verdade, juro. Eu não tenho porque mentir pra você, Catiússa.

— Claro, claro. Continue.

— O capitão deles, acho que chamava Nascimento ou coisa assim, olhou pra mim, apontou na minha direção e ordenou. “Traz o cabo de vassoura”.

Toda a plateia puxou o ar, abismada.

— Aí tudo aconteceu muito rápido! Me seguraram à força e me levaram até o adolescente. Tinha sangue no rosto dele, no chão, no Saco. “Cadê o Baiano”? Me seguraram, apontando minha cabeça para a bunda do menino. Tiraram a calça dele. Ele se debatia. “Cadê o Baiano”? Mais sangue era espalhado toda vez que ele mexia. Iam me empurrando, me colocando cada vez mais perto do cu daquele menino. Eu já conseguia sentir o cheiro. Era horrível. “Cadê o Baiano”? Tudo era horrível.

Cabo respirou fundo.

— Foi quando o menino gritou, com toda a força: “tá bom! Tá bom! Eu falo”! Foi um alívio, tanto pra ele quanto pra mim. Me jogaram na grama. Como se eu fosse nada. Me usaram, me abusaram na verdade, e depois me jogaram num canto qualquer. Mas o pior, o pior foi O Saco. Ele não me disse uma palavra. Assistiu tudo, calado. Aquela mancha de sangue parecia embaçar sua visão das coisas...

— Mas ele pode não ter te reconhecido, não pode?

— Mesmo se não tivesse reconhecido. Aquilo lá foi um abuso de poder! Aquilo foi uma humilhação! Só porque eu sou um cabo ali parado que eu tenho que ser usado como um objeto? Um objeto de persuasão violenta? Só porque eu tenho esse corpo, esse formato, que as pessoas acham que eu posso ser enfiado no cu delas? Isso é um absurdo. Isso é, além de uma falta de respeito das piores, uma violência!

As palmas da plateia voltaram a musicalizar o estúdio. Algumas pessoas chegaram a se levantar, gritando “É isso aí!”, “Falou e disse, garoto!”, “Empoderamento! Uhuuul!”.

— E digo mais! — Cabo se exaltou — Quero ver se eles fariam a mesma coisa que eles fizeram comigo com os cabos de rodo de espuma! Hashtag pronto falei!

Toda a plateia se levantou, gritando e aplaudindo. Catiússa chegou a deixar a ficha que segurava no colo para bater palmas (essas de verdade). Ela esperou a barulheira diminuir para emendar a pergunta:

— Mas, Cabo. Uma dúvida. Por que só agora, oito anos após esse absurdo, que você decidiu revelar isso pra gente?

— Ai, Cathy. Posso te chamar de Cathy?

— Pode — Não, não podia. Era Ússa, caralho.

— Pois então. Eu fui demitido depois disso. Como se fosse culpa minha! Eu sou abusado e a culpa é minha? — riu sarcasticamente — Enfim. Me colocaram na rua. E eu, humilhado e envergonhado, acabei me distanciando das pessoas. Até da Pá, com quem eu trabalhava e acabei criando uma afeição. Foi horrível, fiquei meses jogado, sem lugar para ir, sem trabalhar. Sozinho — a voz, antes firme, agora apresentava sinais de tristeza — até que uma senhora muito bem apessoada me achou e me deu um emprego temporário. Era sujo, mas era honesto. Eu e a Bola de Tênis, já velha, toda acabada. Todo dia. Limpando manchas escuras no shopping.

— Mas e a Pá? Vocês se reencontraram?

— Vou chegar lá. Como se na minha vida já não tivesse desgraça o suficiente, a Bola de Tênis faleceu. Rasgou. Assim, do nada. No meio do trabalho. Aí a senhora, que não queria me deixar sozinho de novo, me levou para a casa da filha dela. Fiquei uns meses parado, num quarto escuro cheio de outros objetos que também esperavam para conseguir um emprego. Foi quando o cabo da casa quebrou. Horrível eu sei, mas pra mim foi bom, porque finalmente comecei a trabalhar como cabo de vassoura novamente. E foi aí que encontrei a Pá de novo. Foi estranho. Eu estava envergonhado. Tanto de deixá-la sem notícias quanto de ter sido abusado daquele jeito. Eu tinha certeza que ela sabia. Todo mundo sabia.

Mais uma vez Cabo para de falar, suspira e se recompõe:

— Mas ela me aceitou de volta. Me recebeu sem me julgar. Ela me entendia. Ela sempre me entendeu. Sem ela para juntar meus cacós... eu não sei o que seria de mim — começou a chorar — eu amo ela.

A plateia começou a aplaudir. A mesma velhinha do canto direito usou a mesma mão de antes para secar as lágrimas que insistiam em cair dos seus olhos.

— Graças a ela eu estou inteiro. Graças a ela eu estou aqui. Graças a ela — Cabo parou para dar ênfase (ou seria para tentar segurar o choro?) — eu estou aqui para denunciar o absurdo que é nosso sistema de segurança pública! Para denunciar essa sociedade classista! Eu não vou descansar enquanto eles não receberem o que eles merecem!

Aí a plateia foi à loucura. Gritos, pulos, aplausos expansivos. O cameraman ficou dois minutos exibindo as pessoas animadas. Focando em mulheres

mais velhas que choravam e mulheres mais jovens que pulavam balançando os seios.

— Cabo. Foi muita coragem sua vir aqui e se abrir para a gente. Mesmo — molhou os lábios, coisa que Ússa sempre fazia quando estava prestes a mentir — Nós estamos aqui para ajudar. Só dormiremos após eles se arreperderem do que fizeram com você.

— Muito obrigado, Cathy.

Catiússa olhou fixamente para a câmera dois, sorrindo e revelando as teclas de piano que o dentista insistia em dizer que eram dentes.

— Não saiam daí. O programa hoje está de acabar! No próximo bloco — espiou a ficha — mais de trinta anos depois, um Crucifixo que viveu um pesadelo pior ainda do que o Cabo De Vassoura. Um pesadelo... em forma de freira. — Corta pro intervalo! — grita o diretor.

O primeiro comercial é da Jequiti.

cacetta está ocupada
cabelos de tutti-frutti,
tornozelos de mocotó
uacidentenabeiramá
confissões de um
cabo diálogos infelizes
missa especial a saga
sexual de bruninho a
eterna vice-colocada
quem está aqui? noites
como outras quaisquer

Quando nós dois nos conhecemos, foi ele quem disse a primeira frase. Foi ele também quem pagou a conta do primeiro encontro, quem roubou o primeiro beijo e quem fez o pedido de namoro. Foi ele quem se apaixonou primeiro. Foi ele quem passou primeiro no vestibular. Foi ele quem terminou na primeira vez (e na segunda, e na terceira...). Foi ele quem pediu pra voltar todas as vezes, de joelhos, chorando. Ele também foi o primeiro a apresentar a família. Foi ele o primeiro homem com quem transei. Foi ele quem me deu o primeiro orgasmo. Mas isso — pelo menos isso! — não foi já na primeira vez! Foi ele quem fez o pedido de casamento. Foi ele quem entrou primeiro na casa que compramos, quem fez o primeiro almoço na nova cozinha e quem comprou o nosso primeiro cachorrinho (que ele chamou de Ilk, que, por incrível que pareça, significa “primeiro” em azerbaijano). Ah, foi ele também o primeiro a aprender uma terceira língua. Foi ele quem primeiro me quebrou o coração. Foi ele quem primeiro remendou. Foi ele quem me deu as primeiras lições de mecânica. Foi ele quem se aposentou primeiro. Foi ele quem teve câncer primeiro. E agora ele está ali, deitado na cama de hospital. Esperando para ser o primeiro de nós dois a morrer.

Como eu odeio esse homem.

Sempre querendo (e sendo) o primeiro em tudo! Em casa, no trabalho, na vida toda. Até na data do aniversário. Não dá nem para acreditar que o desgraçado nasceu no dia primeiro de janeiro? O primeiro dos trigêmeos a sair da mãe! E se eu falar que o nome dele era Aartur? Sim! Sempre o primeiro da chamada. E pasmem! O câncer que ele teve, sabe onde foi? Na unha! Primeiro caso no mundo!

Mas eu juro que ele não vai sair por cima. Ah, não vai mesmo. Ele vai me pagar por todas essas décadas segurando a medalha de prata. Ele era um homem maravilhoso, carinhoso, bonito, apaixonado, bom de cama... mas nenhuma pes-

soa dá conta de viver atrás de outra durante toda a vida. Eu já me decidi.

Dessa vez ele não vai ser o primeiro.

Peguei o vidro de veneno de rato e despejei na sopa. As pedrinhas rosas combinaram com a cor viva das cenouras cozidas. Nem esperei esfriar para tomar. Daqui a poucos minutos vou estar morta, então acho que não vou ligar para papilas inflamadas. Quando fui colocar a primeira colherada na boca, vi que a colher era de prata. Hoje não. Como estava com pressa, tomei a sopa com a concha de madeira mesmo. Dois pratos cheios. Sentei, orgulhosa, na mesa da cozinha. Agora é só esperar.

Dez minutos, quinze, trinta... e nada. Resolvi ler o rótulo do vidro de veneno. Estava perdido. Será que veneno vencido mata mais ou mata menos? Acho que já vi um filme que falava isso. Enfim, não era pra eu já estar soltando espuma pela boca? Debatendo e se contorcendo de dor enquanto meus intestinos derretem?

Uma pontada na parte mais baixa do abdômem. Acho que está vindo! Está vindo! Hahaha. Eu estou morrendo! Foda-se essa vida! Chega de ficar atrás dele! Queria poder ver a cara de Aartur quando ele souber que eu morri antes dele. Espera aí, isso não parece envenenamento.

Passei duas horas no banheiro, com uma diarréia das mais bravas da minha vida.

No outro dia, o filho da mãe ainda estava vivo. Inconsciente, mas vivo. O céu estava preto e chovendo mais do que no dia do dilúvio. Era minha segunda chance. Dessa vez vou no suicídio terno e gravata, no clássico. Amarrei uma corda no ipê rosa, a primeira grande árvore que nasceu no nosso jardim (plantada por quem?). Coloquei a cadeira embaixo, fiz um laço e dei um nó bem apertado em volta do meu pescoço. Meu vestido estava empapado, pesado. O que me fez sorrir. Talvez esse peso extra ajudasse a me matar mais rápido.

É agora. Fiquei balançando, de olhos fechados, esperando o momento em que a cadeira ia cair ou ceder com meu peso e me deixar pendurada. Morta. ZAP!

Um raio caiu em cima do ipê rosa, rachando ele no meio e derrubando uma parte no chão enquanto outra permanecia em pé. Agora me dizem em quais

das metades eu estava? Isso mesmo. Caí com tudo no chão, virei o pé, fiquei presa embaixo dos galhos e meu vestido tinha se queimado a ponto de mostrar minha calcinha (se eu estivesse com uma).

Foi meu neto mais novo quem me resgatou.

Desisti. Desisti de desistir da vida. Era impossível lutar contra Aartur. Ele nasceu pra ser o primeiro em tudo. Era o escolhido. Seu destino era esse, desde que nasceu: me deixar em segundo plano.

Então vou ajudar ele a completar a sua missão. Fui no quarto do hospital, andando com a ajuda de muletas por causa da dor no pé e parei do lado do meu marido, que parecia dormir calmamente, respirando com a boca aberta. Como eu consegui viver tanto tempo do seu lado? Como eu conseguia suportar ser deixada para trás em tudo? Como eu não separei dele durante todo esse tempo de medalhas de prata? Eu já estava preparando o travesseiro para sufocá-lo quando ele acordou, segurou a minha mão, olhou nos meus olhos, e disse, baixinho, antes de morrer:

“Você foi a primeira e única mulher da minha vida”.

Chorei como se não houvesse amanhã. Chorei no hospital, chorei no enterro, chorei em todos os dias da minha vida. Chorei tanto que nem tentei (e fracassei) me matar novamente. +Chorava de dia, chorava de tarde e chorava de madrugada. De noite, já sem forças, eu choramingava. Chorei pela falta dele. Chorei pela saudade dele. Chorei por não ser mais a segunda colocada. Chorei tanto que tinha que trocar de roupa de cama todos os dias. Tanto que tinha que andar com três rolos de papel higiênico na bolsa (e tinha vez que não era o bastante). Chorei. Chorei. Chorei. Chorei até morrer de sequeidão.

E, lá em cima, chorei ainda mais quando vi ele do lado de fora do portão dourado, esperando esse tempo todo para abrir para mim.

cacetta está ocupada
cabelos de tutti-frutti,
tornozelos de mocotó
uacidentenabeiramá
confissões de um
cabo diálogos infelizes
missa especial a saga
sexual de bruninho a
eterna vice-colocada
quem está aqui? noites
como outras quaisquer

Na visão do filho:

Após horas intermináveis, talvez dias, a porta do quarto se abriu e a mãe, toda arrumada, de vestido curto e cabelo solto, apareceu de relance entre a o batente da porta e a parede do quarto.

— Mãe! Onde é que vocês foram?

— Serginho? Isso é hora de estar acordado, moleque?

— Eu acordei por causa de um pesadelo. Aí eu fui dormir com vocês e vocês não estavam deitados na cama. Onde vocês estavam?

— Hoje é dia de missa.

— Missa? Mas missa não é de manhã?

— Não, filho. Tem missa que é de noite. Missa especial.

“Especial” era uma palavra legal. Os brinquedos que vinham com essa palavra sempre eram melhores. E mais caros. Mas melhores.

— O que que teve de especial?

— Ué, filho. Teve muita gente. Teve um padre novo, um padre bacana, até. Teve música nova.

— Mas e Jesus? Não teve Jesus?

— Teve Jesus. Era uma missa. Toda missa tem um Jesus.

— E vocês rezaram ajoelhados?

— Sim, claro. Como eu disse, Sérgio, era uma missa.

— E aquela coisa branca?

— Óstia?! Teve muita óstia também.

— Mas então o que teve de diferente? Não tô achando nada de especial nessa missa especial.

— Teve o padre novo! Eu já te disse, Sérgio. Vai dormir, vai.

— Mas só isso? Um padre novo?

— Não, claro que não. Hoje foi a missa de Todos os Santos.

— Eles estavam lá?

— Estavam. Todos. Agora vai dormir. Mamãe cansou. Rezou muito.

A mãe passou a mão nos seus cabelos lisos e deu um beijo grudento em sua testa.

— Boa noite, filho.

— Boa noite, mãe.

Na visão da mãe:

Ela não sabia onde tinha ficado seu prendedor de cabelo, não sabia onde tinha ficado sua calcinha de renda e também não sabia onde tinha ficado o seu marido. Ela só sabia que estava cansada. Cansada e assada. Será que o Sérgio não desconfia de nada? Com a mão que menos estava fatigada depois daquela noite, abriu a porta do quarto do filho.

— Mãe, onde é que vocês foram?

O filho da puta estava acordado. Regra básica do Guia Completo de Relação entre Pais e filhos: quando seu filho lhe faz uma pergunta que você não sabe responder, retruque com outra pergunta que fale sobre o seu comportamento.

— Serginho? Isso é hora de estar acordado, moleque?

— Eu acordei por causa de um pesadelo. Aí eu fui dormir com vocês e vocês não estavam deitados na cama.

Deitados a gente estava. Na cama também. Em alguns momentos, na verdade. Mas não aqui em casa.

— Onde vocês estavam?

Fodeu. Fodeu agora. E antes também. Fodeu. Ele é muito novo pra saber essas coisas. Ele é muito filho pra saber essas coisas. Pensa, garota, pensa. Você está de vestido. É duas horas da manhã. Dum domingo.

— Hoje é dia de missa.

Missa? Vocês não vão à missa há anos!

— Missa? Mas missa não é de manhã?

Essa é fácil.

— Não, filho. Tem missa que é de noite. Missa especial.

Especial? Missa especial? Sério mesmo? Não tinha nada melhor para falar? Missa dos paus, digo, pais. Missa da Nossa Senhora de alguma coisa! Podia ser tanta coisa!

— O que teve de especial?

Olha, de especial teve um monte de coisa. Mas a mamãe não pode contar isso pra você.

— Teve muita gente — inclusive uma galera nova. Aquele loiro de ombros largos, por exemplo... Meu Deus — Teve um padre novo, um padre bacana, até — aquele loiro mexendo no ritmo da música eletrônica estava um pecado — Teve música nova.

— E Jesus? Não teve Jesus?

Só se o nome daquele menino que parecia mexicano fosse Jesus. E olha, cairia bem nele, viu? O que ele tinha no meio das pernas, com certeza, veio para tirar todos os pecados. Pelo menos os meus pecados ele tirou. Se eu não me engano foi ele que tirou minha calcinha também.

— Teve Jesus — Ô se teve. Teve muito Jesus — Era uma missa. Toda missa tem Jesus — se tiver aquele Jesus toda vez, eu vou virar uma católica fervorosa. A lembrança do mexicano fazia seu corpo todo esquentar e algumas partes específicas queimarem.

— E vocês rezaram ajoelhados?

Ajoelhados, em pé, deitados, de cabeça pra baixo, trançados, segurados por cabos de aço, amassados no meio de dois...

— Sim, claro — Ela roçava uma perna na outra, involuntariamente, como se quisesse urinar. Tinha que acabar logo com aquela conversa. Ela estava sem calcinha! Ela DEFINITIVAMENTE tinha que acabar logo com aquela conversa — Como eu disse, Sérgio, era uma missa.

— E aquela coisa branca?

O coração dela disparou. Como assim coisa branca? O que ele quer dizer com isso? Será que tem uma coisa branca na minha roupa? Ou na minha boca? Ou no meu rosto? Ou no meu decote? Ou no meu pescoço? Ou no meu cabelo? Ou no meu dedinho mindinho? Ou...

— Óstia?! — gritou, jogando a palavra fora junto com a sua preocupação — Teve muita óstia também... — ahã. Óstia.

— Mas então o que teve de diferente? Não tô achando nada de especial nessa missa especial.

Meu, Deus. Que moleque chato.

— Teve o padre novo! Eu já te disse, Sérgio. Vai dormir, vai — Vai dormir, cacete! Eu tenho que tomar um banho o mais rápido possível.

— Mas só isso? Um padre novo?

Quando você crescer e for um décimo do que o “padre novo” for, olha,

filho, tenho certeza que as mulheres não dirão “mas só isso”.

— Não, claro que não. Hoje foi a missa de Todos os Santos — Agora você pensa em um nome pra missa? Podia ter falado antes! Especial (a voz interna falou essa palavra em tom sarcástico).

— Eles estavam lá?

Os santos? Todos eles estavam lá. Senhor do Céu. Saí de lá benzida. Alcancei o céu umas treze vezes, pelo menos.

— Estavam — tenho que rezar para que, no próximo domingo, eles estejam lá de novo — Todos — se Deus quiser! — Agora vai dormir. Mamãe cansou — se cansou! — Rezou muito.

Ela passou a mão nos cabelos lisos do filho, lembrando do peito cabeludo de Jesus. Ela precisava ir para o quarto dela. URGENTEMENTE. Beijou a testa do garoto.

Ah, olha o vestígio de óstia aí.

— Boa noite, filho.

— Boa noite, mãe.

cacetta está ocupada
cabelos de tutti-frutti,
tornozelos de mocotó
uacidentenabeiramá
confissões de um
cabo diálogos infelizes
missa especial a saga
sexual de bruninho a
eterna vice-colocada
quem está aqui? noites
como outras quaisquer

Ana Maria era linda. Maravilhosa. Era tão bonita a ponto de fazer as amigas feias ficarem passáveis. Sua pernas compridas, ainda mais alongadas por causa das calças de cintura alta que amava, pareciam não terminar. Seu cabelo volumoso e encaracolado só tinha do cobre a cor, porque o cheiro era de tutti-frutti. Apesar dos cachos, sua nuca tinha os fios lisos e finos. Ai, como era bom beijar aquela nuca... Ana Maria era tão magrinha que seu pescoço parecia um pulso e seu pulso parecia um envelope. Quase não tinha seios, era praticamente reta. O que era bom. Se você se aventurasse pelo seu corpo — coisa que eu fiz, e muito — não existia nenhum obstáculo para te atrapalhar, era quase como descer uma ladeira com um Fusca sem freio. Os marmanjos ficavam de cara quando eu passava com ela, em plenos anos 60, enlaçada em meus braços. Acho que até fizeram uma música para ela.

Mas como eu disse: ela era linda.

Isso foi há tempos atrás. Não chegamos nem às bodas de... que bodas são as de 10 anos mesmo? Enfim. A Ana Maria não conseguiu preservar a sua beleza nem por uma década. Não, não. Ela não ficou acabada nem nada. Ela só ganhou um pouco de peso, na verdade. Não tenho nada contra gordinhas, longe de mim. Na verdade ela ainda é magrinha, ela ainda é maravilhosa na parte de cima. O problema é que ela engordou apenas uma parte do corpo. Ela engordou uma parte que ninguém nunca engordou.

Ela engordou a porra dos tornozelos.

As pernas lindas e longas e maravilhosas que eu acabei de descrever? Agora terminam com um cilindro de gordura que mais parece um mocotó de tão gordo. A experiência que mais parecia descer uma ladeira? Pois é. Acho que ela levou muito a sério a metáfora e seus tornozelos começaram a acumular sedimentos. As noites de sexo quentes e felizes? Realmente. Agora só de noite, mesmo. Com a luz apagada. E só se for meia-nove ou outra posição que não me deixe encostar naquilo.

E os tornozelos não param de engordar, não! Daqui uns dias vão deixar

as coxas pra trás. A panturrilha e o joelho, coitadinhos, já foram ultrapassados duas vezes.

Eu já não consigo olhar mais para baixo com medo de que meus olhos encontrem aqueles dois. Vivo tropeçando, batendo o dedinho mindinho no canto das coisas. Mas eu acho é bom. Nada dói mais do que ver aqueles cilindros de gordura se apossando cada vez mais da minha mulher. E quando ela colocava aquelas malditas calças de lycra? Senhor, era o horror.

E ela era tão linda!

Tentei de tudo. Procurei médico para ver se era possível fazer uma cirurgia ou algo parecido. Nada. Procurei benzedeira para ver se era possível fazer um remédio com ervas ou algo parecido. As ervas estavam em falta. Procurei Deus para ver se era possível fazer um milagre ou algo parecido. Mas acho que ele estava dançando em algum lugar, porque não me atendeu. Procurei até o Diabo para ver se trocava minha alma pela volta dos belos tornozelos da Ana Maria ou algo parecido. Mas na encruzilhada só encontrei os hippies fumando a erva da benzedeira.

Cheguei até a pensar em amputação. Mas vai que aí os joelhos que começariam a engordar.

A única “solução” que encontrei foi esconder aquilo. Ana Maria adorou essa “solução”. Ganhava uma roupa diferente por semana. Seu guarda-roupa começou a engordar também. Acho até estranho ela não ter percebido que eu só dava vestidos longos ou coisas que cobrissem os tornozelos.

Primeiro foram as calças boca de sino. Mas os tornozelos eram tão gordos que faziam todas elas parecerem meias-calças. Depois vieram as polainas. Porém, por incrível que pareça, nenhuma polaina entrava. A situação estava ficando tão séria que Ana Maria só conseguia usar vestidos — já que você veste por cima. Sim. Também tentei os vestidos longos! Mas ninguém usava mais aquilo. E se tem uma coisa que Ana Maria não gostava era de estar fora de moda.

Moda. Era a minha última chance de tirar os tornozelos da minha vida.

Comecei a estudar costura, tecelagem, design. Amigos me zoaram, me chamaram de “baitola”, “purpurina”, “bambi” e até “baba na fronha que ele mesmo tece” (esse último muito criativo, por sinal). Minha mulher também estranhou. Eu era um dos únicos homens que não exagerava nas estampas e nas cores fortes. Sempre fui um cara clássico. Terno e gravata, sapato de fivela, chapéu Fedora, mulher com tornozelos finos... E, do nada, estudando moda. Realmente tinha alguma coisa ali.

E tinha mesmo: minha insaciável busca pelo extermínio daquela zona horrorosa do corpo da minha mulher.

Mas, no final, eu consegui. Depois de meses estudando e pesquisando. Depois de tanta busca por uma solução. Depois de até procurar o diabo para me ajudar. Eu consegui. Fiz a calça com a barra mais larga que o mundo já viu. E fiz ela ser esteticamente bonita, ainda por cima. Cintura alta, fios de costura que saem do cós e vão até os tornozelos. Coloquei até um nome que fingia um espanhol, para parecer que eu era culto: Pantalona. Não sou disso, mas a calça ficou maravilhosa. E nada de “modéstia à parte” ou o caramba. Sofri muito para conseguir chegar nesse produto final. Depois de anos de puro sofrimento, eu ia salvar meu casamento.

Mas acabei não salvando.

Quando cheguei em casa, com as calças recém costuradas, novíssimas, primeiras do tipo, Ana Maria estava me traindo. Com um cabeludo filho de uma puta que devia ser tarado por gorduras localizadas, porque, quando eles peguei no flagra, o cara estava lambendo freneticamente os mocotós. Eu não sei com o que ficava mais enojado: com o adultério da minha mulher ou com a coragem do cara de colocar a boca naquilo.

Separamos. Meses depois ela casou com o cabeludo e eu nunca mais casei com mais ninguém. “Alguém que gosta de mim do jeito que eu sou”, ela disse. Sorte dela. Fiquei com um bom dinheiro com a patente das Pantalonas. Nada muito expressivo, mas que me permitia alguns luxos. Comidas caras, prostitutas caras, roupas caras e amores baratos.

Merda. A meia começou a apertar.

cacetta está ocupada
cabelos de tutti-frutti,
tornozelos de mocotó
uacidentenabeiramá
confissões de um
cabo diálogos infelizes
missa especial a saga
sexual de bruninho a
eterna vice-colocada
quem está aqui? noites
como outras quaisquer

— O que te traz aqui no consultório, Renato?

— Então, Fabrícia. É porque... eu estou muito feliz.

— Desde quando você está feliz?

— Faz mais ou menos um mês. No começo eu não percebia, mas aí as pessoas começaram a falar “nossa, Renato, que cara feliz é essa? Aconteceu alguma coisa?”. E, sabe? Não tinha acontecido nada. Eu só me sentia feliz! — e desatou a rir.

— Calma, calma... não precisa disso. Não precisa. Vamos nos acalmar...

— Tá bom... — envergonhado, enxugou as lágrimas produzidas pelo riso — desculpa, doutora.

— Isso... agora me diz tudo que você achar que pode estar causando essa felicidade.

— Olha, vamos ver. Meus pais se separaram quando eu nasci. Aí fiquei com o meu pai porque minha mãe virou prostituta. Meu pai sempre me batia e brigava comigo. Me colocava de castigo por motivo nenhum, não deixava eu levar nenhum amiguinho pra casa... meu pai até me chamava de “bichinha” e “arrombado” e “maricas”... sempre foram bons pais.

— Você tem sorte. São raros pais assim hoje em dia.

— Mas eu não sei, tinha dias que ele comia pizza e deixava as bordas pra mim, sabe? Teve uma vez, sem motivo nenhum, que ele não me deu meias no aniversário. Ele me deu um brinquedo!

— Coitado...

— Pois é. Aí, na minha adolescência, eu me transformei num menino bonito, sem espinhas, corpo atlético. As garotas me davam bola. E tinha um cara, fortão, Walter, se não me engano, que não me fazia bullying! Me deixava em paz! — e riu, mais forte do que antes.

— Não... não... calma. Tudo bem. Pode rir, não tem problema. Olha, vamos fazer o seguinte: duas sessões de psicanálise por semana e, se continuar

assim, vou ter que te receitar super-depressivos.

— Mas você acha que tem cura, doutora?

— É cada caso que eu já vi ser resolvido... o seu nem é tão grave assim.

Tive um paciente que ganhou na loteria.

— Que horror, doutora!

— Mãe! Mãe! — as risadinhas passavam pelo telefone.

— Que que aconteceu, filha? Por que você está rindo?

— Mãe. Minha vida é horrível!

— Por que, minha filha?

— Eu nunca vou me matar! — e ria, ria muito.

— Não, filha! Não, não. Nunca diga isso! Pelo amor de Deus! Bate nessa boca! Sua vida sempre foi perfeita! O que que aconteceu?

— Ai, mãe. Descobri que o Guto nunca me traiu!

— Ô, meu bebê... mas ele parecia um menino tão bom!

— Pois é, mãe! — sua risadas eram incessantes — E não é só isso! A minha melhor amiga, a Bia, sabe? Ela nunca deu em cima dele!

— Não, filha! Calma. Calma. Talvez ela nunca foi sua amiga de verdade.

— E não pára por aí não! O meu professor de Direito Internacional me chamou pra conversar num canto e disse que se eu continuar desse jeito eu vou ter futuro! — o riso, por incrível que pareça, ficou ainda mais forte — eu não tô dando conta! Acho que eu vou fazer uma festa!

— Calma, filha, não faça nenhuma bobeira! Mamãe tá indo praí!

— Me ajuda, mãe, me ajuda!

— Bom dia, eu sou a Natália.

— Ah, a jornalista?

— Isso, isso! Tenho uma visita marcada. Você que vai me guiar?

— Exatamente — abriu as três fechaduras do portão de ferro grosso — entre por aqui, senhorita.

— Obrigada!

— Olha, vou ser sincero, quando falaram que ia vir uma jornalista, eu

já pensei que seria uma daquelas mulheres lindas, todas produzidas, gatas pra caralho. Mas você é uma acabada.

— Oun... — não estava esperando por aquela, se sentiu ofendida e ficou triste. Ele também era extremamente feio, na verdade — são seus olhos.

— Então, sobre o que mesmo é sua matéria?

— Ah, é uma matéria de curiosidade. Quero contar as histórias de felicidade por trás das pessoas loucas.

— Ah, então você veio ao lugar certo. Venha por aqui! — andaram por um tempo e pararam na segunda cela — Esse é o Volpato. Ele tem uma história horrível. Um dia, estava em casa sozinho, com as luzes apagadas, chorando. Era uma pessoa normal. Aí a campainha tocou e, do outro lado da porta, cinco modelos da Victoria's Secret, só de roupa de baixo, riam bêbadas.

— Não me diga que...

— Sim. As cinco transaram com ele durante SEIS horas. E ele era hétero.

— Tadinho...

— Nunca mais tirou o sorriso do rosto — balançou a cabeça de um lado para o outro — Aquele ali. Tem gente que fala que ele é amaldiçoado.

— Por que?

— Ele nasceu extremamente bonito, era mais inteligente do que qualquer um, nunca ficava doente. Sua família era rica, morava na praia. Sempre teve vários amigos. Era bissexual. Diz a lenda que ele nunca ficou triste na vida.

— Ai, gente. Que horror.

— Colocaram ele aqui porque achavam que podia passar pros outros. Realmente uma história de deixar qualquer depressivo feliz — andaram por mais alguns metros até pararem na frente de uma cela de uma menininha bem pequenininha.

— Nossa, mas ela é tão pequena!

— Essa é a pior de todas, senhorita Natália. Você vai ter que ter um estômago forte.

— Ai, a curiosidade fala mais alto.

— Ok, eu te avisei — respirou fundo — essa criança se chama Sara. Ela nasceu numa família normal: pai abusivo, mãe drogada, irmãos mais velhos que assediavam ela, um tio que dava sinais de pedofilia... Tudo perfeito!

— Realmente, queria eu ter nascido numa família assim.

— Porém, aos cinco anos de idade, ela começou a se comportar de ma-

neira estranha. Começou a plantar flores coloridas e dar de presente pras pessoas.

— Credo.

— E não pára por aí! Quando aprendeu a desenhar, ela começou a fazer imagens de pessoas sorrindo, gargalhando, família felizes.

— Gente, que coisa macabra.

— Alguns anos depois, ela começou a sorrir para todo mundo que via, cumprimentava... e... — engoliu um seco, contar aquela história sempre o deixava com medo — desejar bom dia para as pessoas.

— Ai, meu Senhor! Não pode ser! Essa criancinha?

— Criancinha nada. Ela é o demônio.

A história era tão aterrorizante que eles nem perceberam que a menina tinha se aproximado das grades e olhava, com olhos doces, para a jornalista.

— Oi — Sara cumprimentou.

Os dois tremeram.

— Vamos sair daqui. Rápido, antes que ela nos deixe feliz.

— Você são pessoas legais. Tenham um ótimo dia — ela acenava enquanto os dois adultos iam correndo e se distanciando.

Quando os dois saíram daquela ala do manicômio. Natália desatou a rir, incontrolável. Os enfermeiros a levaram para tentar entristecê-la.

— Tamanha felicidade não é para todo mundo.

— Hm! Hm! Ahn! Tá doendo! Tá doendo! Ahn! Ahn! Pára! Pára! Ahn!

— Vai, vai, vai, vai — suspira fundo — Ahnnnnnnnnnnnnnn...

Ele cai pro lado da cama. Os dois respiram forte. Ele acende um cigarro. Ela deita em seu peito.

— E aí? Foi ruim pra você?

— Foi horrível. Doe o tempo todo. Demorou dois minutos. Você é pesado e ficou por cima me esmagando. Sua unha infeccionada do dedão ficou me arranhando. Babou demais. Pinto pequeno e torto. Tapas na hora errada. Arroto no meio do processo. E me chamou de repositório de sêmen antes de começarmos a fazer sexo. Pior sexo da minha vida.

— Pra mim também não foi lá essas coisas.

— O que foi que eu fiz?

— O que foi que você não fez, isso sim. Ficou parada o tempo todo. Todo mundo finge gemidos, mas você pode receber o prêmio de pior atriz. Você mordeu meu beijo com força demais e tá sangrando. Não tirou as meias estampadas do pé. E trouxe a sua mãe junto para ela ficar assistindo.

— Vocês dois foram horríveis, mesmo, filha. Parabéns.

Eles começam a chorar. Inclusive a mãe.

— Eu te odeio — disse ele, choroso.

— Eu também te odeio — respondeu ela, chorando mais.

— Que dia vai ser o casamento? Tenho que escolher um vestido feio e clichê pra noite de núpcias de vocês.

— Má noite.

— Má noite.

— Começamos hoje o Jornal Nacional com uma notícia de felicidade devastadora.

— A guerra entre Estados Unidos e China, que vinha matando milhões de pessoas e inocentes de ambos os lados, acabou.

— Os americanos fizeram o seu terceiro pedido de pás hoje de manhã. Os chineses, infelizmente, aceitaram.

— A guerra, que já estava acontecendo há 34 anos, acabou.

Plano aberto.

— Como a vida nos prega peças, né, William? Sua vida está perfeita, a qualquer momento pode acabar, a comida está escassa, você vê seus filhos morrendo e chorando porque não tem nada para comer, perdendo um familiar ou amigo por semana... e, de repente, tudo isso acaba.

— Realmente bem horrível.

A câmera fecha na cara de William.

— No Brasil, a crise continua... não existindo.

— A educação é uma das melhores do mundo. A saúde é perfeita: há anos não vemos casos de erros médicos, todo mundo tem atendimento gratuito e de qualidade. A economia vai bem, o dólar nunca sobe dos 90 centavos, os políticos vivem em paz, a presidenta tem um ótimo índice de aprovação e a lucrativa Petrobras recebe prêmio de Empresa mais Confiável pela Economist Associated.

Plano aberto.

— A vida do brasileiro não está nada triste.

— É verdade, William. O caso está feio. Várias pessoas estão imigrando para a Somália, Azerbaijão e outros países africanos em busca de uma vida pior.

Plano fechado, de novo na cara de William.

— Agora vamos a mais uma notícia horrível.

— Eduardo Cunha é condenado e preso por corrupção ativa.

cacetta está ocupada
cabelos de tutti-frutti,
tornozelos de mocotó
uacidentenabeiramá
confissões de um
cabo diálogos infelizes
missa especial a saga
sexual de bruninho a
eterna vice-colocada
quem está aqui? noites
como outras quaisquer

Bruninho acorda do seu cochilo dentro da sala de aula. Mesmo naquela leseira, consegue perceber os coleguinhas olhando vidrados em sua direção. Que merda estava acontecendo? Ele sentiu uma brisa do ar condicionado tentando passar por entre sua bunda e a cadeira. Puta que pariu. Estava pelado na escola. Estava pelado e com o pau duro, ainda por cima. A professora, percebendo a desatenção da sala com o sexto sentido que só os docentes têm, se vira para a turma. Ela deixa o giz cair no chão.

— Bruninho! Que sem vergonhice é essa?

Bruninho acorda com um pulo. Meu Deus. Era só um sonho. Era só um sonho. Meu Deus do céu. Para se certificar, passa a mão pelo peito. Sua camiseta de uniforme estava lá. Passa a mão pela perna. Sua professora estava lá.

— Mas que

Dona Gertrudes, de 63 anos, chupava Bruninho com sua boca desdentada. Mas chupava com gosto. Uma colegial, no pico de seus hormônios, não chuparia um picolé da Kibon com a mesma voracidade. Bruninho não conseguia falar, nem mesmo gemer. Olhou para seus colegas, que riam da situação. Um deles gravava a cena com seu smartphone.

— Dona Gertrudes! Dona... Gertrudes... — ele conseguia sentir o pênis louco para explodir.

Bruninho acorda junto com a explosão. Sente a sua calça empapada pregando na cueca. A mancha era enorme e brilhante. Parecia mais uma poça. Outras duas poças apareciam, uma no seu joelho direito e outra na sua camiseta. Como era possível? Quando franziu a testa sentiu um líquido escorrendo pelo rosto e pingando sobre o lábio superior. Foi quando percebeu todos os seus colegas meninos se masturbando em sua volta. Gutão chegava até a gemer com uma cara de êxtase total.

Bruninho acorda caindo da carteira escolar. O barulho faz com que a aula seja interrompida. Envergonhado, ele se levanta, coloca a carteira no lugar e se senta novamente, enquanto todo mundo olha para ele e começa a rir — inclusive sua mãe, que transava com seu pai e Gutão na frente da turma. Gutão continuava com a cara de êxtase total.

Bruninho acorda chorando baixinho. Os colegas estavam de mochila nas costas, saindo da sala. A professora estava em pé bem na frente do quadro onde estava escrito “Introdução à Educação Sexual”.

— Ô, Bruninho... o que foi? — Dona Gertrudes vai consolá-lo ao vê-lo tristonho.

Bruninho não fala nada. Apenas abraça a professora e se aconchega (sem querer) no meio das duas bolas de basquete que ficavam no lugar dos seios dela. Suas lágrimas escorriam sem porquê.

— Calma, filho, calma — dizia ela enquanto acariciava a região púbica de Bruninho por cima da calça.

Bruninho parou de chorar. De novo não! De novo não! Por favor!
Mas, dessa vez, ele não estava sonhando.

cacetta está ocupada
cabelos de tutti-frutti,
tornozelos de mocotó
uacidentenabeiramá
confissões de um
cabo diálogos infelizes
missa especial a saga
sexual de bruninho a
eterna vice-colocada
quem está aqui? noites
como outras quaisquer

INT. — MARACANÃ LOTADO — FINALZINHO DA TARDE

Multidão de pessoas. No meio do estádio, está montado um palco de música vazio, sem nem mesmo instrumentos. A maioria das pessoas estava com um cartaz na mão, escrito “Jesus e os 12 apóstolos” em caixa alta e com fogos, explosões e uma mulher fazendo pole dance em um crucifixo gigante em segundo plano. BRUNA FERRAZ (escrita no credencial), 28 anos, segura uma câmera Canon T3i.

BRUNA

Ou isso vai ser muito ruim ou isso vai ser muito ruim.

Vemos, do céu, surgir um carro conversível voador que mais parece uma nave espacial. A multidão suspira em uníssono e depois fica em silêncio, atônita. O conversível sobrevoa o Maracanã em círculos até estacionar no meio do palco. O silêncio é quebrado pela porta se abrindo e, de lá, um homem com um corpo definido (32), sem camisa, de calça jeans, com cicatrizes na mão e na área das costelas, óculos escuros de aviador e com cabelo comprido e ondulado sai com um microfone na mão.

HOMEM MUSCULOSO

Como vocês estão, Rio!?

Ninguém responde. Todos estão com os olhos arregalados e alguns estão boquiabertos.

HOMEM MUSCULOSO

Eu me chamo Jesus Cristo e vou dar para vocês o melhor show de suas vidas!

Jesus Cristo estende a mão para uma MOCINHA, 18, próxima ao palco. Depois de uns segundos sem se mexer, essa mocinha dá a mão. Como se ela flutuasse, foi puxada para o palco. Jesus Cristo enlaça sua cintura, coloca o microfone perto da boca dela.

JESUS CRISTO
Quem está aqui, gata?

MOCINHA
Ahn?

JESUS CRISTO
Quem está aqui? Fala pra mim.
A mocinha não fala nada mais uma vez. Uma batida de música pop começa a a tocar do céu.

JESUS CRISTO
Jesus Cristo. Fala. Fala. Jesus Cristo.

MOCINHA
(com vergonha)
Jesus... Cristo.

JESUS
Eu estou aqui, eu estou aqui, minha gata.

Vemos doze colunas de luz branca surgindo do céu e atingindo o palco. Em cada local atingido, um homem musculoso com algum instrumento surgiu (Simão e André na guitarra, Tomé no baixo, Tadeu no teclado, Tiagão na bateria, Mateus no saxofone, Filipe no violoncelo, João na flauta doce, Pedro no contrabaixo, Judas no backvocal, Tiaguinho no xilofone, e Bartolomeu apenas dançando). E a música “Jesus Cristo eu estou aqui” começou a tocar com um ar pop. Não dava para negar: a música de Jesus e os 12 Apóstolos era muito boa. E a coreografia também.

Bruna Ferraz sai cortando a multidão, que já começava a cantar junto, gritar “Ele

voltou! Ele voltou!” e chorar de emoção. Bruna disca no celular um número aleatório.

BRUNA FERRAZ

Atende... vai, atende... (quando o outro lado atende). Fernando! Fernando!
Tu não acredita! Manda todo mundo pra cá. Todo mundo! Sério. Jesus voltou!
Juro por Deus! Jesus voltou e virou vocalista de uma banda pop!

Bruna desliga o telefone e olha o show. Olhamos para a multidão em transe.

INT. — SALA DE IMPRENSA — NOITE

A sala está empilhada de jornalistas cochichando. Aqueles que não estão sentados em cadeiras, se apertam nos cantos e no fundo do cômodo. Guardas vestidos de terno preto e óculos escuros separam a área dos jornalistas do pódio destinado a Jesus. Bruna está sentada na fileira da frente, com a caneta e o bloco em riste e a câmera pendurada no pescoço.

Vemos Jesus Cristo entrando na sala, flashes disparando loucamente, pessoas levantando a mão para fazer perguntas e gritos dizendo “Jesus! Jesus!”. Ele se coloca atrás do púpito e olha para a sala.

JESUS CRISTO

(apontando para Bruna)
Você. Isso, a gatinha ali.

BRUNA FERRAZ

(gritando para compensar a barulheira)

Jesus! Por que só agora? Por que só depois de mil novecentos e tantos anos
você voltou para a Terra?

JESUS CRISTO

Ah... na real, na real? Tava muito legal lá no paraíso... Planetinha vip, né?
Sabe como é que é.

BRUNA FERRAZ

Planeta?

JESUS CRISTO

Planeta, ué. Vocês acham que eu subi pro céu e fui pra onde? (Gesticula enquanto fala) Sabe a constelação Apus? Esquerda ali da Touro e talz... Terceiro planeta.

OUTRA JOVEM JORNALISTA

Jesus! Jesus!

JESUS CRISTO

(aponta para essa outra jovem jornalista)
Agora a outra lindinha, ali.

OUTRA JOVEM JORNALISTA

No clipe da Lady Gaga! Era você mesmo?

JESUS CRISTO

(ri)

Pô, meu. Já de cara assim? (coça a cabeça) Sim, era eu mesmo.

Os jornalistas vão à loucura: o barulho fica mais alto, os flashes aumentam de frequência e as mãos começam a balançar furiosamente. Bruna Ferraz está perplexa, porque achou a pergunta muito ruim.

UM JORNALISTA

Vocês tiveram um caso?

JESUS CRISTO

Ah, meu... Aí você me complica...

UM OUTRO JORNALISTA

Maria Madalena ou Lady Gaga? Qual é melhor de cama?

BRUNA FERRAZ

(puta com o rumo da coletiva)

Mas que...

JESUS CRISTO

Ah, não. Mamá não tinha igual, meu...

Aí os jornalistas ficaram em êxtase. Tinha gente desenhando a capa do jornal ali mesmo, na mão. Outros já mandavam mensagens de voz do furo jornalístico. Tinha um que até já pedia pra pedir a resposta da Lady Gaga.

BRUNA FERRAZ

Mas, Jesus! Você não pensa em fazer nada com essa guerra, o Estado Islâmico, o...

OUTRO JORNALISTA

Jesus! Mas e Judas? Vocês fizeram as pazes?

JESUS CRISTO

Judas? (Ri) Judas é demais, meu...

UMA JORNALISTA QUALQUER DA FOLHA

Jesus! Mas está tudo acabado com a Lady Gaga?

INT. — CASA DA BRUNA FERRAZ — NOITE (DOIS DIAS DEPOIS)
Bruna está sentada no sofá da casa, vestida com pijama estampado de patinhas felinas, assistindo à TV. Na televisão, está passando Late Night with Jimmy Fallon. O entrevistado dessa semana é Jesus Cristo, ainda sem camisa e óculos escuros de aviador, que está sentado na poltrona enquanto conversa com o apresentador.

JIMMY FALLON

But, Jesus. Can I call you like that? Jesus? (Jesus balança a cabeça afirmativamente) Ok. Jesus, why you came to the Earth? After all theses centuries?

JESUS CRISTO

Well, meu... I thought it was time to stop wasting my Dad's money, ya know? Stop living by his costs... So I talked to Judas... (fala batendo na coxa) Judas is awesome, meu, by the way! And the others and said "let's create a boyband"!

JIMMY FALLON

(ri um pouco)

But, but... But the inspiration? You prefer to be considered like... hm... Backstreet Boys or One Direction?

BRUNA FERRAZ

(sentada no sofá)

Ah, não, Fallon... me respeita... olha essa pergunta!

JESUS CRISTO

Backstreet! Backstreet! Of course!

Jimmy Fallon e Jesus Cristo começam a gargalhar. A plateia ri junto e aplaude. Bruna Ferraz balança a cabeça negativamente e começa a tocar uma das músicas de sucesso de "Jesus e os 12 apóstolos" no fundo.

Enquanto a música toca, vemos uma sequência de imagens e vídeos. Primeiro uma manchete da Folha de São Paulo intitulada "Jesus agradece a Deus pelo seu sucesso" e, na linha fina, "Meu pai sempre me apoiou, sempre quis que eu fosse famoso". Depois uma cena de um show deles em que Jesus canta em cima da água e os doze apóstolos em uma balsa flutuante. Vemos então uma capa da Rolling Stone, com Jesus sem camisa, fazendo uma sinal de paz e amor com as mãos, e a manchete trazendo "Teria Jesus vindo para nos livrar-nos do mal?". Outro show de Jesus, agora em Nova Iorque, onde eles pegam um caminhão de bombeiros e começa a jogar água na plateia; Jesus, então, coloca a mão na frente do jato d'água e o fluxo começa a ser de vinho tinto. Mais outra manchete, dessa vez da Esquire, intitulada "Seria Jesus o homem vivo mais sexy do mundo?".

INT. — REDAÇÃO DO JORNAL ONDE BRUNA FERRAZ TRABALHA
— DIA

Bruna entra na sala do EDITOR CHEFE da redação com a edição passada do jornal e a joga em cima da mesa. A capa estava toda ocupada com uma foto de Jesus Cristo sem camisa — e dessa vez com a cueca aparecendo.

BRUNA FERRAZ

(possessa de raiva)

Mas o que que foi isso, Fernando?! Ontem foi a porra da votação do projeto de lei do aborto e a capa foi Jesus Cristo?! De novo!?

EDITOR CHEFE — FERNANDO

O que você quer, Bruna? Todo mundo está dando essa notícia! Quem vai comprar a capa com um punhado de políticos votando um projeto que eles não estão nem aí?

BRUNA FERRAZ

Mas deviam estar! E nós não devíamos dar bola pra esse Jesus aí! Nós devíamos informar a porra dos leitores!

EDITOR CHEFE — FERNANDO

Bruna, eu não posso fazer nada! Se o jornal não vende, o chefe me demite e demite metade da redação! A matéria ainda tá lá! Só não tá na capa!

BRUNA FERRAZ

Putaquepariu, Fernando! Mas a gente não devia estar nessa onda de propaganda para esse mimado filho de Deus! Ele que se foda! A galera só procura notícia dele porque a gente só dá notícia dele!

EDITOR CHEFE — FERNANDO

Bruna, eu não posso fazer nada. (Vira a cadeira e começa a mexer no computador) Não posso fazer nada, desculpe.

Bruna sai puta de raiva da sala e bate a porta com força. O editor chefe suspira e balança a cabeça negativamente.

INT. — CARRO DE BRUNA FERRAZ — TARDE

Bruna, ainda furiosa, está voltando do trabalho, enfrentando um engarrafamento daqueles. Ela liga o rádio. Começa a tocar “Jesus Cristo eu estou aqui”.

BRUNA FERRAZ

Ah, não! No meu carro, não!

Bruna troca de estação de rádio. “Jesus Cristo eu estou aqui”. Troca pra outra. “Jesus Cristo eu estou aqui”. Troca para mais outra. “Jesus Cristo eu estou aqui feat. Pitbull”. Bruna grunhe de raiva e desliga o rádio à força.

Ainda bufando, ela percebe o crucifixo pendurado no seu retrovisor. Vemos um close-up no detalhe de Jesus crucificado balançando, enquanto algumas buzinas tocam em segundo plano, e os olhos de Bruna são refletidos no espelho do retrovisor.

INT. — OUTRA SALA DE IMPRENSA — NOITE

Jesus está no púlpito respondendo algumas perguntas aos jornalistas presentes. Mesma coisa da anterior: guardas separavam a entidade dos meros trabalhadores. Só que dessa vez, outra dezena de guardas também impediam as fãs enlouquecidas de invadir a sala.

JESUS CRISTO

Não, não. Aquilo foi só uma zoeira! Judas é demais, meu...

JORNALISTA

Jesus! Jesus! É verdade que a nova música da Taylor Swift é sobre o breve namoro de vocês?

JESUS CRISTO

Eu não sei, meu... eu realmente não sei...

OUTRO JORNALISTA

Jesus! Qual o segredo para um tanquinho igual o seu?

JESUS CRISTO

(ri)

Ah, meu... nada que uma pregada forte... (espera um pouco pra ver a reação da galera)na academia!(Faz um sinalzinho de “ahá”)

Vemos os jornalistas rindo. Metade deles de maneira falsa.

BRUNA FERRAZ

Jesus! Você é imortal?

JESUS CRISTO

(ri mais uma vez)

Mais ou menos, mais ou

Ouve-se um tiro. Bruna Ferraz segura uma pistola. Há uma comoção geral, as pessoas se assustam, guardas pulam em cima de Bruna, flashes enlouquecidos gravam a cena sangrenta. O tiro acertou bem no meio da testa de Jesus Cristo. Sangue se espalha pelo chão.

INT. — CARRO DA POLÍCIA — NOITE

Um policial dirige enquanto outro está sentado no banco de passageiro. Bruna Ferraz está algemada no banco de trás.

POLICIAL PASSAGEIRO

Pessoas como você me fazem repensar a pena de morte...

POLICIAL DIRIGINDO

Você vai arder no fogo do inferno.

BRUNA FERRAZ

Não existe inferno, cacete. Na verdade existe. É essa merda aqui.

POLICIAL PASSAGEIRO

Você matou um dos maiores cantores dessa geração. Acabou com a melhor boyband já feita...

BRUNA FERRAZ

Pft. O que há de errado com a humanidade? Sério?

O policial liga o rádio. Começa a tocar “Jesus Cristo eu estou aqui versão Skrillex”.

BRUNA FERRAZ

Não! A versão do Skrillex, não!

TELA PRETA:

Mensagem em branco. “Jesus, para a surpresa de todos, acabou ressuscitando no terceiro dia e continuou a turnê mundial da boyband”.

TELA PRETA:

Mensagem em branco. “Bruna Ferraz, depois de cumprir pena, abriu um petshop e passou a cultuar Cthulhu”.

TELA PRETA:

Mensagem em branco. “A Boyband só terminou dois anos depois desse incidente. Quando Judas tentou carreira solo como *Judas not the Priest*, mas não deu muito certo. Morreu de cirrose crônica aos 32”.

TELA PRETA:

Mensagem em branco. “Fernando virou diretor executivo do jornal graças ao seu ‘exemplar serviço prestado a favor da empresa’”.

TELA PRETA:

Mensagem em branco. “Jimmy Falon se declarou homossexual e hoje namora o Skryllex. De vez em quando chamam Pitbull para um ménage”.

O conto “Noites como outras quaisquer” é livremente baseado no quadro *Nighthawks* de Edward Hoppin.

O conto “Confissões de um cabo” é livremente inspirado no cabo de vassoura do filme *Tropa de Elite*.

ESSA OBRA FOI COMPOSTA EM LUCIDA BRIGHT
REGULAR TAMANHO 12

“Luiz Fernando Menezes consegue captar, com maestria e sagacidade, até onde vão as tramas que tecem a miséria humana causada pelo capitalismo selvagem”

THE GUARDIAN

“Uma espécie de *O livro do riso e do esquecimento*. Nos faz pensar se a vida precisa mesmo ser vivida”

PUBLISHERS WEEKLY

“Engraçado, ácido e crítico. ”

ESQUIRE

“Depois de ler *Diálogos infelizes*, retomei a esperança na literatura contemporânea brasileira, que tinha perdido quando li Paulo Coelho”

Paulo Coelho